

## Dinâmicas e desafios da Escola na prevenção de comportamentos e situações de risco em crianças e jovens

### Challenges and School dynamics related to prevention of risk situations and behaviours in children and youth

Mafalda Nascimento<sup>a</sup>, Esperança Ribeiro<sup>a</sup>, Sara Felizardo<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação

#### Resumo

*A complexidade das dinâmicas e desafios associados às situações de risco e perigo em crianças/jovens requer um processo de avaliação cuidadoso e rigoroso. A escola tem um papel extremamente importante na sinalização, diagnóstico, acompanhamento e encaminhamento destas problemáticas, no sentido de procurar soluções e proporcionar aos seus educandos um desenvolvimento integral a todos os níveis.*

*Este estudo surge em virtude de se tentar perceber quais as dinâmicas e desafios da escola perante menores em risco, para tal, foram aplicadas entrevistas numa amostra de profissionais do meio escolar e foi realizada posteriormente a respetiva análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram uma vasta panóplia de casos que nem sempre são fáceis de detetar em crianças que advêm muitas vezes de famílias multidesafiadas. Constatou-se que a escola ainda tem um longo caminho a percorrer na área da prevenção.*

*A escola não pode ignorar este tipo de problemáticas, fazê-lo é comprometer a vida e o futuro de um menor e perder oportunidade de intervir numa família em crise. Não sendo uma tarefa fácil, uma vez que nos dias de hoje tanto as verbas com os recursos humanos especializados são insuficientes, a escola tem o dever de prevenir e intervir, implementando estratégias concertadas no sentido de evitar situações mais graves.*

*Palavras-chave: Crianças/Jovens em risco, equipas multidisciplinares, escola, prevenção.*

#### Abstract

*The complexity of challenges and dynamics associated with dangerous and risky situations for children/youth requires a rigorous and careful evaluation process. School takes an extremely important role in signalling, diagnosis, following up and forwarding this problematic, looking to find solutions and offer a holistic development to their learners.*

*This study is based on the need of understanding what are the challenges and dynamics of school relative to minors at risk, and in order to accomplish this, interviews were conducted in a sample of school professionals and the subsequent content analysis was conducted.*

*Results indicated a wide range of cases that are not always easy to detect and that many time came from multi-stressed families. It was confirmed that school still has a long way to go in the prevention field.*

*School cannot afford to ignore these problems, since doing so is compromising the life and future of a minor and lose the opportunity to intervene in a family in crisis.*

*Not being an easy task, since nowadays the financial and human resources are insufficient, the school has the duty of preventing and intervene, implementing organized strategies aiming to avoid more serious circumstances.*

*Keywords: Children/Youth at risk, Multidisciplinary teams, school, prevention.*

## **1. Introdução**

A escola é uma das entidades com lugar de destaque na proteção, prevenção e intervenção em situações de risco e de perigo, uma vez que é o local onde o menor passa grande parte do seu tempo pelo que as situações que surgem são de imediato transportadas para esta instituição.

O principal objetivo da prevenção é promover alterações necessárias a nível económico, cultural, legal, entre outras, para evitar ambientes disfuncionais, potenciadores de ocorrência de violência (Magalhães, 2005), sendo que mais importante do que uma sinalização em tempo útil deve considerar-se a sua prevenção (Reis, 2009).

O presente estudo surgiu na perspectiva de tentar perceber quais as dinâmicas e desafios que a escola adota face a situações e comportamentos de risco dos seus educandos identificando os/as mais frequentes; analisar possíveis causas e avaliar estratégias e medidas utilizadas em contexto escolar. A investigação tem um carácter exploratório e pretende abrir espaço à reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas escolas, no âmbito desta problemática.

## **2. Enquadramento Teórico**

A história das crianças em risco é uma história em expansão com novos riscos e medidas. O desenvolvimento do conceito dos menores em risco, nos últimos anos tem sido associado a fatores diversificados entre os quais se incluem as famílias. De facto, as alterações ao teor da família tradicional levaram à instabilidade dos pais e ao declínio da qualidade conjugal, querendo isto dizer que famílias de risco têm maior predisposição para desenvolver crianças/jovens de risco.

Nem todas as famílias têm a possibilidade de promover um bom desenvolvimento e segurança às suas crianças/jovens pois existem situações, de natureza individual ou social, que podem ser consideradas desviantes e relativamente às quais é necessário apoio promovido por diferentes instituições, entre as quais a escola (Sampaio, Cruz, & Carvalho, 2011).

A escola deve ter em conta que tanto as crianças/jovens como as respetivas famílias possuem determinadas características e fatores que irão facilitar ou dificultar a intervenção. Importa saber identificar os fatores de risco, de forma a facilitar aplicação das medidas necessárias com o objetivo de os reduzir ou eliminar, não descuidando as competências do próprio indivíduo que possam constituir fatores de proteção contra as dificuldades. Assim, as características da criança/jovem, da respetiva família, das experiências de vida, a exposição reduzida ao risco com práticas competentes dos cuidadores, a rede familiar, a vinculação, a escolaridade e um nível socioeconómico adequado podem apontar para a resiliência.

O estudo da resiliência, como fator protetor, juntamente com medidas eficazes poderá permitir uma intervenção mais rápida e, principalmente, uma intervenção mais eficaz (Neiva, 2014).

Sendo a família e a escola as duas principais instituições de socialização e desenvolvimento das crianças/jovens é essencial que as relações entre as duas sejam desenvolvidas (Pereira & Pinto, 2001; Kumpfer, Magalhães, & Ahearn, 2015; Kumpfer, Magalhães, Xie & Kanse, 2015).

A escola pode contribuir com serviços, técnicos especializados e programas/iniciativas que facultem às famílias oportunidades de mudança a favor do bem-estar e desenvolvimento integral das crianças/jovens.

Os profissionais que trabalham com crianças e jovens em situações de perigo devem estar devidamente capacitados para identificar e reconhecer os sinais de alerta e as características presentes nas crianças e no respetivo agregado familiar (Magalhães, 2005).

Intervir ao nível da prevenção significa diminuir ou evitar a necessidade de intervenções tardias numa linha remediativa.

### **3. Metodologia**

#### *3.1 Participantes*

A amostra foi constituída por 5 professores, entre os quais um de ensino especial, 4 assistentes operacionais e 1 psicólogo, perfazendo um total de 10 entrevistados que atuam em contexto escolar num agrupamento do meio rural.

Relativamente à formação profissional, os entrevistados possuem na sua maioria (6) formação superior, sendo que 40% tem apenas o 12.<sup>o</sup> ano de escolaridade. O tempo de experiência destes indivíduos na área da Educação, varia entre 4 anos e meio e 29 anos.

#### *3.2 Instrumentos*

De forma a realizarmos um estudo qualitativo e a recolher a informação necessária optou-se por entrevistas semiestruturadas. O guião da entrevista foi elaborado intencionalmente para este estudo, sendo constituído por 23 questões, com linguagem clara e objetiva.

#### *3.3 Procedimento*

Numa primeira fase, foram estabelecidos contatos com os participantes e agendadas as entrevistas. A informação recolhida foi organizada e procedeu-se à análise de conteúdo. Foram definidas as várias dimensões, categorias e subcategorias apoiadas nas orientações explanadas por Bardin (2004). Foi utilizado o programa QSR Nvivo 10, um *Software* criado com intuito de auxiliar o investigador a trabalhar com dados não numéricos e não estruturados em análise qualitativa.

### 3.4 Resultados

Foram definidas 4 dimensões (1. Situações e comportamentos de risco, 2. Causas ou fatores associados a situações e comportamentos de risco, 3. Respostas e recursos, 4. Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos) agrupando-se as categorias e subcategorias comuns e seguidamente foram analisadas ao pormenor, as categorias e as subcategorias.

Tabela 1A – Situações e comportamentos de risco ou perigo: tipo de problemáticas

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Tipo de problemáticas sinalizadas	Maus tratos físicos	10	14,1
	Maus tratos psicológicos	7	9,9
	Negligência	7	9,9
	Abuso sexual	5	7
	Absentismo escolar	2	2,8
	Exposição a comportamentos dos cuidadores	14	19,7
	Comportamentos assumidos pelo menor	29	36,6
Total de referência		74	100

Os participantes apontaram diferentes tipos de problemáticas sinalizadas na escola, estas foram subdivididos nas 7 subcategorias apresentadas na tabela 1A. Destas subcategorias destaca-se com 29 referências (36,6%) os *Comportamentos assumidos pelo menor* seguida da *Exposição a comportamentos por parte dos cuidadores* com 14 referências (19,7%), os *Maus tratos físicos* aparecem em terceiro lugar com 10 referências (14,1%), seguidos dos *Maus tratos psicológicos* e a *Negligência* (ex.: “negligência: muitos casos de falta de higiene”) com 7 referências cada (9,9%), por fim aparecem os casos de abusos sexuais (ex.: “Tem havido também algumas sinalizações de abusos sexuais”) com 5 referências (7%) e o *Absentismo escolar* com 2 (2,8%).

Tabela 1B – Situações e comportamentos de risco: perceção dos casos

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Perceção de casos	Poucos	2	20
	Muitos	8	80
Total de referência		10	100

Através da tabela 1B verificamos que muito mais de metade dos entrevistados, 80% (8) afirmam quem existem *Muitos* casos de maus tratos na escola e apenas 20% (2) preferem que são *Poucos*.

Tabela 1 C – Situações e comportamentos de risco: sinais e características

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Sinais e características apresentadas	Comportamentos de oposição	12	38,7
	Respostas emocionais	14	45,2
	Insucesso escolar	1	3,2
	Aparência física	4	12,9
	Total de referência	31	100

Quanto aos *Sinais e características apresentadas* pelas crianças/jovens de suspeita de maus tratos. Verificamos que todos os entrevistados apontam poderem apresentar *Comportamentos de oposição* com 38,7% (12), no entanto, as *Respostas emocionais* embora não tenham sido indicadas por todas as fontes têm quase metade da percentagem total de nomeações com 45,2% (14), alguns 12,9% (4) indicam a *Aparência física* (magreza, cansaço ou apresentar-se suja ou com roupa desadequada à época), por fim, apenas 1 entrevistado apontou o *Insucesso escolar* como evidência da problemática com 3,2%. (ex.: “cada um reage à sua maneira, no entanto, a maioria das vezes apresentam-se apáticos, tristes ou o comportamento contrário, são nervosos e agressivos.”).

Tabela 2A – Causas ou fatores associados a situações de risco: características

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Características das famílias sinalizadas	Multidesafiadas	10	66,6
	Reduzido grau de instrução	4	26,7
	Multiculturais	1	6,7
	Total de referência	15	100

No conjunto de subcategorias encontradas para a categoria *Características das famílias sinalizadas*, a designação *Multidesafiadas* é referida por todas as fontes, é a características mais mencionada com mais de metade da percentagem 66,6% (10), 26,7% (4) indicam as famílias com *Reduzido grau de instrução* e 6,7% (1) apontam as famílias *Multiculturais* associadas a fatores de perigo. (“São famílias multidesafiadas, é o termos técnico para estas famílias.”).

Tabela 2B – Causas ou fatores associados a situações e comportamentos de risco: causas

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Causas	Fatores económicos e sociais	14	24,6
	Parentalidade	39	68,4
	Inerentes à criança/jovem	4	7
	Total de referência	57	100

A presença de problemas em casa foi o fator de risco mais mencionado ao nível da categoria *Causas*. Os conflitos familiares estão representados com mais de metade da percentagem 68,4% (39), tendo sido apontado por todas as fontes e denominou-se como a subcategoria *Parentalidade*. Com 24,6% (14) surge a subcategoria *Fatores económicos e sociais*, esta inclui as dificuldades financeiras sentidas pelos menores como um problema. 7% (4) são *Inerentes à própria crianças/jovem*.

Tabela 3A – Respostas e recursos: equipa(s)

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Equipa multidisciplinar	Existe	2	20
	Não existe	2	20
	Existe, mas não é específica para estes casos	6	60
	Total de referência	10	100

Numa primeira instância, relativamente à dimensão *Respostas e recursos (prevenção, apoio e acompanhamento)*, achamos adequado o levantamento da existência de equipa multidisciplinar na escola que atua na problemática dos maus tratos, os resultados apresentados na tabela acima indicam que 60% (6) participantes dizem que existir uma equipa multidisciplinar na escola, no entanto, essa mesma equipa *Existe, mas não é específica para estes casos*; 20% (2) dizem que sim *Existe* e outros 20% (2) dizem que *Não existe*.

Tabela 3B – Respostas e recursos: recursos

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Recursos humanos	São suficientes	1	10
	Não são suficientes	9	90
Total de referência		10	100

A falta de recursos e apoios na escola poderão constituir também um obstáculo, assim foi analisada a existência dos mesmos. Assim, 90% (9) dos sujeitos entrevistados declaram que os *Recursos humanos* existentes *Não são suficientes* para a realização de um trabalho ajustado e apenas 10% (1) dizem ser *Suficientes*. (ex.: “Não. Estou cá a meio tempo, não há assistente social, nem mais nenhum técnico a não ser os da comunidade como enfermeiros entre outros.”).

Tabela 3C – Respostas e recursos: verbas

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Verbas	Não existem	8	80
	Existem algumas, mas não são apenas para estes casos	2	20
	Total de referência	10	100

No respeitante às *Verbas* existentes para estes casos, 80% (8) dos sujeitos dizem que *Não existem* devido aos cortes cada vez maiores que se verificam nas escolas, mas 20% (2) indicam que *Existem algumas*, no entanto, as que existem não são exclusivamente para este fim. (“Não, não existem mesmo, sentimos essencialmente falta de respostas, nós não temos respostas”).

Tabela 3D – Respostas e recursos: entidades parceiras

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Entidades que colaboram com a escola	Município	8	22,2
	Saúde	7	19,4
	Forças de segurança	8	22,2
	Associação de pais	1	2,8
	Serviços sociais	10	27,8
	Empresas	2	5,6
Total de referência		36	100

Relativamente às *Entidades que colaboram com a escola*, verifica-se que existe uma preocupação neste sentido, uma vez que existe diferentes entidades referidas como é o caso dos *Serviços sociais* que aparece com 27,8% (10), seguida do *Município* e das *Forças de segurança* cada uma com 22,2% (8), por sua vez, a área da *Saúde* aparece um pouco mais abaixo com 19,4% (7) e por fim as *Empresas* e as *Associações de pais*, com 5,6% (2) e 2,8% (1) respetivamente.

Tabela 4A – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: papel da escola

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Papel da escola	Fonte de informação	1	9
	Preventivo	5	45,5
	Interventivo	5	45,5
Total de referência		11	100

Para os participantes deste estudo a categoria *Papel da escola* foi dividida em três subcategorias, das quais as mais referenciadas ostentam a mesma percentagem 45,5% (5) sendo eles o papel *Preventivo* e *Interventivo* foi ainda apontado por um dos entrevistados de que a escola é também uma entidade *Fonte de informação* com 9% (1). (ex.: “A escola tem o dever de ajudar e proteger os seus alunos”).

Tabela 4B – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: dificuldades na identificação

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Fragilidades apontadas na identificação das problemáticas	Dificuldades de gestão	4	36,4
	Ausência de recursos	7	63,6
Total de referência		11	100

Focando-nos na categoria *Fragilidades apontadas na identificação das problemáticas*, esta reúne as subcategorias relativas a *Ausência de recursos* (humanos e materiais) com 63,6% (7) e a aspetos de *Dificuldades de gestão* (medidas, organização, definição de objetivos claros, entre outros) com 36,4% (4). (ex.: “Falta de pessoas com formação específica para detetar e acompanhar esses casos” “Vamos fazendo por intuição, sensibilidade e com base na experiência adquirida ao longo dos anos.”).

Tabela 4C – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: dificuldades na resolução

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Dificuldades encontradas na resolução destas situações	Ausência de profissionais qualificados	5	27,8
	Reações de resistência dos menores	4	22,2
	Reações de resistência da família	6	33,3
	Gestão interna	3	16,7
Total de referência		18	100

Procurando conhecer a categoria *Dificuldades na resolução destas situações*, lançou-se o desafio aos participantes de analisarem e indicarem os mesmos, assim a subcategoria mais referenciada com 33,3% (6) foi a *Reações de resistência da família* relacionados com a falta de objetivos por parte da família, resistência à mudança ou falta de cooperação. Seguidamente aparece com 27,8% (5) a *Ausência de profissionais qualificados* na escola para estas situações, logo de seguida desponta com 22,2% (4) as *Reações de resistência dos menores*, com comportamentos inadequados face aos profissionais, vergonha, medo e desconfiança e por fim a subcategoria *Gestão interna* da escola com dificuldades de gestão do tempo, falta de recursos e de estratégias assertivas, tendo sido apontada por 3 entrevistados com a 16,7%. (ex.: “dificuldade de chegar às famílias”, “O tempo, não temos tempo nem equipa para fazer intervenção.”).

Tabela 4D – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: programa(s)

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Programa de prevenção e de intervenção na escola	Existem	1	10
	Não tenho conhecimento	3	30
	Não, não existem específicos para esta problemática	6	60
	Total de referência	10	100

Os resultados desta categoria revelam que 60% (6) dos sujeitos defendem *Não existem* programas de prevenção e de intervenção na escola específicos para esta problemática, 30% (3) *Não têm conhecimento* de nenhum programa e 10% (1) diz *Existir*. (ex.: “Não, programa específico para crianças e jovens em risco não existe.”).

Tabela 4E – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: estratégias

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Estratégias e linhas de prevenção	Recursos humanos especializados	5	25
	Formação de pais e profissionais	7	35
	Tutorias	1	5
	Gestão e parcerias	4	20
	Espaços físicos de apoio a pais e alunos	1	5
	Atividades de prevenção em geral não especificadas	2	10
	Total de referência	20	100

Tendo em consideração a categoria *Estratégias e linhas de prevenção*, os participantes apontaram algumas estratégias de forma a conseguir lidar com estes obstáculos e desafios, nomeadamente na articulação com outras entidades e profissionais e aposta na formação. Portanto, salienta-se com 35% (7) a apropriação de *Formação específica para pais e profissionais*, os *Recursos humanos especializados* são a segunda subcategoria mais apontada com 25% (5), seguida da pertinência de *Gestão e parcerias* (canalizar os poucos recursos existentes, e estabelecer redes de parcerias com entidades locais) com 20% (4), 10% (2) estão catalogadas como *Atividades de prevenção em geral não especificadas* e com 10% (1) as duas subcategorias *Tutorias* e *Espaços físicos de apoio a pais e alunos* (ex.: “Bastava que se aplicasse muito bem a Lei 51 que nós dávamos resposta a uma série de coisas, nomeadamente a constituição da equipa multidisciplinar que até pressupõe médico, assistente social e educador social, está na Lei.”).

Tabela 4F – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: preparação dos professores para estas problemáticas

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Preparação dos professores para estas problemáticas	Alguma	7	70
	Não estão	3	30
Total de referência		10	100

De forma a conseguirmos chegar à seguinte conclusão relativamente à categoria *Preparação dos professores para estas problemáticas*, 70% (7) respondeu que estes têm *Alguma* preparação, no entanto 30% (3) respondeu que *Não estão* preparados. (ex.: “Deveria haver na formação pós-graduada de professores, sensibilização e fornecimento de ferramentas para atuar em determinadas áreas.”).

Tabela 4G – Dificuldades e potencialidades na identificação e acompanhamento dos casos: sensibilização da comunidade escolar

Categoria	Subcategoria	N.º de ref.	%
Esclarecimento e sensibilização da comunidade acerca da amplitude da problemática	Não está	8	80
	Nem todos estão	2	20
Total de referência		10	100

Através da análise da tabela 4G, podemos contatar que 80% (8) dos sujeitos reconhecem que a comunidade *Não está* esclarecida nem sensibilizada acerca da amplitude destas problemáticas, 20% (2) citou que *Nem todos estão* (ex.: “Sentimos que as pessoas sabem que existe mas não sabem que é tão sério e que isso vem para dentro da escola, às vezes, de uma forma brutal.”).

### 3.5. Discussão dos resultados

Através da análise dos dados verificou-se existir uma vasta panóplia de problemáticas sinalizadas, destacando-se os *Comportamentos assumidos pelos menores* e a *Exposição a comportamentos dos cuidadores*.

Os resultados apontam quem a maioria dos casos, os menores sinalizados pertencem a famílias *Multidesafiadas* e muitas com *Reduzido grau de instrução* ou ainda famílias *Multiculturais*.

As suas *causas* são diversas, verificando-se que grande percentagem advém, dos próprios pais/responsáveis (fraca formação, relações conjugais conturbadas, ausência de progenitores por emigração, hábitos de consumo de álcool, deficiência ou incapacidade do progenitor ou ainda falta de tempo).

Face ao papel intermediário da escola, os entrevistados apontaram que esta deve ter um *papel relevante*. Para estes profissionais, a identificação dos casos pode estar facilitada na medida em que geralmente estes menores apresentam sinais e características de que algo está a ocorrer menos bem, entre as quais se destacaram as *respostas emocionais* e os *comportamentos de oposição*. Já as respostas da escola

é que não são de todo fáceis de encontrar devido a um vasto conjunto de fatores e fragilidades da mesma que dificultam a sua ação.

Em síntese, torna-se essencial a defesa de uma cultura escolar que valorize a promoção de estratégias de sinalização de fatores de risco, logo à entrada do menor na escola; a criação de equipas multidisciplinares coesas; o investimento em formação especializada para todos os profissionais; a articulação, rentabilização e aproveitamento dos recursos/parcerias locais num trabalho em rede; a criação e implementação de *Programas de prevenção e de intervenção assertivos bem como sensibilização da comunidade e o trabalho com as famílias proporcionando-lhes a aquisição de ferramentas essenciais e competências necessárias e ajustadas ao bem-estar dos menores.*

### 3. Referências bibliográficas

- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed). Lisboa: Edições 70.
- Kumpfer, K., Magalhães, C., & Ahearn, J. (2015). Strengthening Families Program. In J. Ponzetti (Ed.) *Evidence-based parenting education: A global perspective*. NYC: Routledge.
- Kumpfer, K., Magalhães, C., Xie, J., & Kanse, S. (2015). Cultural and Gender Adaptations of evidence-based family interventions. In M. Van Ryzin, K. Kumpfer, G. Falco, & M. Greenberg (Eds.). *Family-based Prevention Programs for Children and Adolescents: Theory, Research, and Large-Scale Dissemination*. NY: Psychology Press.
- Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em Crianças e Jovens: Guia prático para profissionais*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Neiva, V. (2014). *Caracterização da abordagem dos técnicos da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens face à situação de perigo* (Dissertação de Mestrado). Obtido de [http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4285/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20em%20PJ\\_Vera%20Neiva%20pdf.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4285/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20mestrado%20em%20PJ_Vera%20Neiva%20pdf.pdf)
- Reis, V. (2009). *Crianças e Jovens em Risco - Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco* (Doutoramento em Psicologia Clínica). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/11781>
- Sampaio, D., & Carvalho, M. (2011). *Crianças e Jovens em Risco – A família no centro da intervenção*. Cascais: Almedina.